



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

## **A relação entre consumo de carne e mudanças climáticas no âmbito coletivo**

Emanuely Miranda<sup>1</sup>

Editora: Susana Dias [2]

*A dimensão coletiva e complexa do problema faz com que políticas públicas sejam necessárias*

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Brasil possui cerca de 160 milhões de hectares transformados em pastagens. Por todas as regiões brasileiras, espalham-se rebanhos para atender ao alto volume de demandas internas e externas. Nesse sentido, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que, em 2023, a produção de carne bovina bateu recorde: ao todo foram 8,91 milhões de toneladas produzidas. No entanto, essa não foi a única estatística a subir e, conseqüentemente, a assombrar. Conforme sinaliza a Organização Meteorológica Mundial (OMM), 2023 entrou para a história como o ano mais quente de todos os tempos. E embora pareçam distantes, os dados citados têm uma íntima e trágica relação.

Carla Djaine Teixeira, mestra e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), dedica-se aos estudos sobre os impactos socioambientais da alimentação e observa as conseqüências da pecuária bovina: desmatamento a fim de abrir espaço para as pastagens, contaminação do solo e poluição da água, perda de ecossistemas que afetam povos indígenas e ribeirinhos e emissão de gases de efeito estufa (GEE). “Todos esses fatores contribuem para a intensificação das mudanças climáticas”, alerta.

Levando em conta a proporção cósmica das mudanças climáticas, importa conceber intervenções coletivas. É aí que entram as políticas públicas. Nesse sentido, Carla destaca a necessidade de



incentivos a práticas agropecuárias que se comprometem, por exemplo, com a manipulação mais consciente de pastagens e com a limitação do uso de produtos químicos.

Entretanto, Carla não para por aí. A cientista social ainda comenta sobre a necessidade de apoio às pesquisas que se preocupam com o comedimento da emissão de metano por parte dos animais e com o avanço de sistemas alimentares com base em vegetais. No que tange esse último caso, os pesquisadores e as pesquisadoras se interessariam então por promover dietas que reduzam a produção e o consumo de carne em contextos socioculturais propícios para essa mudança.

O problema não se resume à carne e tampouco se finda com seu fim. Reduzi-la de nossas dietas jamais será suficiente se continuarmos produzindo e consumindo alimentos (ainda que sejam de origem vegetal) que provêm de outra prática nefasta da agropecuária: as monoculturas. Por isso, se torna tão importante articular as políticas públicas que contemplam o incentivo a operações não monoculturais, como aquelas que têm a agrofloresta e a agricultura familiar como princípios.

Dentro das possibilidades nos sistemas alimentares sustentáveis, encontram-se, por exemplo: o veganismo, o vegetarianismo e o flexitarianismo. Com base nas diretrizes nacionais e internacionais de alimentação, Carla garante que eles beneficiam tanto a saúde humana quanto a saúde planetária e elenca alguns de seus benefícios. “Springmann (2020) identificou que as recomendações para a dieta flexitariana<sup>1</sup>, apresentadas pela EAT-Lancet, são compatíveis com as metas de mudança climática para limitar o aquecimento global abaixo de 2°C, além de estarem associadas à redução das taxas de mortalidade prematura e à diminuição da demanda por recursos naturais”, afirma.

### **Do pessoal ao coletivo**

Em seus estudos sobre os sistemas alimentares sustentáveis, Carla identifica dois movimentos distintos. Primeiramente, em virtude de fatores específicos como a melhoria do poder aquisitivo, há uma tendência que favorece o consumo de carne. Entretanto, por outro lado, há também a disseminação de conhecimento sobre as consequências que a agropecuária causa, fomentando assim uma adesão a dietas que dispensam os produtos da mesma.

---

<sup>1</sup> Um tipo de alimentação em que as pessoas consomem principalmente alimentos de origem vegetal, com uma ingestão limitada ou reduzida de carne.



Nestor Turano Jr., comunicador social e mestrando em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), está entre as pessoas que aderiram ao veganismo. Mais especificamente, ao veganismo popular e interseccional. No começo de 2020, enquanto vagava despreziosamente pelo YouTube, esbarrou em dois vídeos que mudariam sua alimentação e, não obstante, sua vida para sempre.

O primeiro dos vídeos expunha alguns documentários disponíveis na Netflix, classificando-os como melhores e piores. Entre eles, ocupando o topo, estava *Live and Let Live* (2013). Sua tradução para o português dá origem a um nome bastante sugestivo: *Viva e Deixe Viver*. Em geral, a produção coloca pessoas veganas em cena e dá detalhes sobre o veganismo como estilo de vida. No entanto, para além das informações sobre a obra em si, Nestor ficou impressionado com os desdobramentos filosóficos que a interlocutora teve a partir dela. “Ela, que sequer se dizia vegetariana, trouxe muitas indagações, como por exemplo: ‘Por que no Brasil as pessoas acham normal comer carne de vaca e acham um horror na China se comer carne de cachorro?’; ‘Sem ter como produzir gado, no Japão também se come carne de cavalo e de tartaruga, e isso é cultural’; ‘Nós não pensamos no que comemos, nós apenas comemos’”, relembra.

No segundo vídeo, por sua vez, uma ex-comissária de bordo relatava sua experiência com o veganismo e trazia informações a respeito. Foi então que Nestor ficou sabendo sobre o impacto da produção de carne sobre a natureza e, de igual modo, descobriu que não precisava dela para suprir sua demanda de nutrientes.

Ao final do vídeo, Nestor ficou chocado com a informação de que, ao longo dos oito minutos de sua duração, 70 mil animais foram mortos pela indústria da carne. “Chorei e decidi que me tornaria vegano ainda naquele ano”, conta. Sendo assim, em 1º de setembro, após uma transição gradual, ele já estava completamente adepto ao veganismo.

Nestor reconhece a relação entre consumo de carne e mudanças climáticas e acrescenta o especismo como mais um problema. Todas essas problematizações culminaram em sua decisão pessoal e dividiram sua história em antes e depois. Entretanto, elas não se encerram no âmbito individual e tampouco são solucionadas dentro dele.



Ao encontro do que Carla disse sobre políticas públicas, Nestor reforça que nenhuma mudança individual tem a capacidade de resolver uma questão altamente complexa. Se reduzido à individualidade, o veganismo (ou até mesmo a redução de carne em geral) deixa de fazer sentido.

Ele ainda faz questão de situar sua escolha dentro de um contexto com cosmovisão delimitada. “Outras sociedades, como certas sociedades indígenas, por exemplo, organizam-se de forma que humanos, animais, plantas e minerais — em nossa nomenclatura ocidental cientificista — são uma mesma espécie. Logo, o conceito de especismo não faz sentido e, por extensão, o veganismo também não”, pondera.

Além disso, para que sejam efetivos, os sistemas alimentares sustentáveis precisam vir acompanhados de consciência de classe, considerando as delicadas adversidades que o capitalismo lhes coloca e atribuindo a causa do problema aos remetentes certos. Para Nestor, um grande problema está na individualização da responsabilidade.

Quando falamos em mudanças climáticas, estamos falando necessariamente de envergaduras globais, tanto em consequências quanto em mitigações. Logo, torna-se urgente assumir a necessidade de transformações inteiramente sistêmicas, que passam pelo âmbito pessoal, mas se dão sobretudo no âmbito coletivo.

### **Bibliografia:**

SPRINGMANN, Marco et al. The healthiness and sustainability of national and global food based dietary guidelines: modelling study. *BMJ*. Vol. 370. 2020. <https://doi.org/10.1136/bmj.m2322>.

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com